

"Original e envolvente. As páginas viram sozinhas." – GEORGE R. R. MARTIN

JOE HILL MESTRE DAS CHAMAS

PRIMEIRO LUGAR NA LISTA DO *THE NEW YORK TIMES*



MESTRE DAS CHAMAS



I N S P I R A Ç ã O :

J. K. Rowling, cujas histórias me mostraram como escrever esta,
P. L. Travers, que tinha o remédio de que eu precisava,
Julie Andrews, que tinha uma colher de açúcar para me ajudar a engolir,
Ray Bradbury, de quem roubei meu título em inglês,
meu pai, de quem roubei todo o resto,
e minha mãe, que me apresentou quase toda a micologia (e mitologia) nas
quais me baseei para escrever esta história.

Embora o *Draco incendia trychophyton* seja uma invenção, minha mãe
lhes diria que quase todas as características do meu esporo fictício na verdade
podem ser encontradas na natureza.

*Outside the street's on fire
in a real death waltz...*

Lá fora a rua está em chamas
numa verdadeira valsa da morte...
“Jungleland”, Bruce Springsteen

*Though I spend my time in the ashes and smoke
In this 'ole world there's no 'appier bloke.*

Embora eu passe meu tempo nas cinzas e na fumaça
No mundo inteiro não existe sujeito mais feliz.
“Chim Chim Cher-ee”, Robert e Richard Sherman

Queimar foi um prazer.
Fahrenheit 451, Ray Bradbury

PRÓLOGO

ACESO

HARPER GRAYSON JÁ TINHA VISTO muita gente pegar fogo na TV, todo mundo tinha, mas a primeira pessoa que viu pegar fogo de verdade foi no parquinho atrás da escola.

Em Boston e alguns outros lugares de Massachusetts, as escolas estavam fechadas, mas ali em New Hampshire continuavam abertas. Houvera casos em New Hampshire, mas só uns poucos. Harper ouvira dizer que meia dúzia de pacientes estavam sendo mantidos numa ala de segurança máxima do Hospital de Concord, monitorados por uma equipe médica vestida com roupas de proteção de corpo inteiro, todos os enfermeiros e enfermeiras armados com extintores de incêndio.

Ela estava segurando uma compressa de água fria na bochecha de um aluno do primeiro ano do fundamental chamado Raymond Bly, que levava uma raquetada na cara durante uma partida de badminton. Toda vez que o treinador Keillor distribuía as raquetes na primavera havia um ou dois casos assim. Ele sempre dizia às crianças para ficarem andando até a dor passar, mesmo quando elas seguravam um punhado de dentes quebrados. Ela queria estar lá para assistir no dia em que ele tomasse uma raquetada no saco, só para ter o prazer de dizer a *ele* para ficar andando até a dor passar.

Raymond não estava chorando ao chegar, mas quando se olhou no espelho perdeu a compostura por um instante: uma covinha se formou no seu queixo e os músculos do rosto começaram a tremer. Seu olho estava todo preto e roxo, quase fechado, e Harper sabia que a visão do próprio reflexo era mais assustadora do que a dor.

Para distraí-lo, recorreu ao estoque emergencial de balas. O estoque emergencial de balas era uma lancheira surrada da Mary Poppins, com as dobradiças enferrujadas, dentro da qual havia algumas barrinhas de chocolate. Havia também um rabanete grande e uma batata, itens que ela reservava para lidar com os casos mais graves de infelicidade.

Harper vasculhou a lancheira enquanto Raymond segurava a compressa contra a bochecha.

– Hum – falou. – Acho que ainda tenho um Twix aqui na caixa de balas, e eu bem que comeria um Twix agora.

– E *eu*, posso comer um também? – perguntou o menino com uma voz congestionada.

– Você vai ganhar uma coisa melhor do que chocolate. Aqui tem um rabanete bem grande e gostoso que se você for *muito* bonzinho eu deixo você comer, e eu como o Twix – disse ela, mostrando a ele o interior da lancheira, para que pudesse inspecionar o rabanete.

– Eca. Não quero rabanete.

– Então que tal uma batata bem grande, doce e deliciosa? Esta aqui é uma Yukon Gold.

– *Eca*. Vamos disputar o Twix na queda de braço. Eu ganho do meu pai.

Harper assobiou três compassos de “My Favorite Things” enquanto fingia pensar no assunto. Costumava assobiar trechos de musicais do cinema dos anos 1960, e nutria fantasias secretas de que passarinhos azuis prestativos e outras avezinhas atrevidas vinham ajudá-la a cantar.

– Não sei se você vai querer fazer uma queda de braço comigo, Raymond Bly. Eu sou muito forte.

Ela fingiu que precisava olhar pela janela para refletir sobre o assunto, e foi então que viu o homem atravessar o parquinho.

De onde estava, tinha uma visão direta da área demarcada, alguns metros quadrados de asfalto riscados com um ou outro jogo de amarelinha. Depois disso havia meio hectare coberto de serragem no qual ficava um intrincado conjunto de brinquedos: balanços, escorregas, uma parede de escalada e uma fileira de canos de aço nos quais as crianças podiam bater como se fossem gongos musicais (internamente, chamava esses canos de Xilofone dos Condenados).

Como era o primeiro tempo, não havia crianças lá fora; era a única hora do dia em que do posto médico da escola não se podia ver um bando de crianças gritando, fazendo algazarra, rindo e trombando umas nas outras. Havia apenas o homem, um sujeito de jaqueta militar folgada e calça utilitária marrom larga, com o rosto ocultado por um boné de beisebol encardido. Ele atravessou o asfalto numa linha enviesada, vindo de trás do prédio. Tinha a cabeça baixa e titubeava, sem parecer capaz de andar em linha reta. A primeira coisa que Harper pensou foi que ele estava bêbado. Então viu a fumaça que saía de suas mangas.

Uma fumaça fina e branca escapava da jaqueta, envolvia as mãos e subia pelo colarinho até se entranhar nos compridos cabelos castanhos.

Ele cambaleou para fora do asfalto e pisou na serragem. Deu mais três passos e levou a mão direita ao degrau de madeira de uma escada que subia pelo trepa-trepa. Mesmo daquela distância, Harper podia ver algo nas costas da sua mão, uma listra escura, como uma tatuagem, só que salpicada de dourado. Os pontos dourados reluziam feito montinhos de poeira sob um raio de sol ofuscante.

Apesar de já ter assistido a reportagens sobre aquilo na televisão, naqueles primeiros instantes quase não conseguiu compreender o que estava vendo. As barrinhas de chocolate começaram a cair da lancheira da Mary Poppins e as embalagens farfalharam ao bater no piso. Ela não escutou, nem se deu conta de que agora segurava a lancheira num ângulo torto, deixando cair todo o seu conteúdo. Raymond observou a batata se espatifar com um baque e sair rolando até desaparecer sob uma bancada.

O homem que andava como se estivesse embriagado começou a murchar. Então arqueou as costas numa convulsão, jogou a cabeça para trás e as chamas lambeiram a frente da sua camiseta. Harper viu num relance o rosto emaciado, contorcido de agonia, e então a cabeça virou uma tocha. Ele bateu no peito com a mão esquerda, mas a direita continuou segurando a escada de madeira. A mão direita ardia em chamas, carbonizando a madeira. Ele jogou a cabeça cada vez mais para trás e abriu a boca para gritar, mas o que jorrou de sua boca foi fumaça preta.

Raymond viu a expressão de Harper e começou a virar a cabeça para olhar pela janela por cima do ombro. Harper largou a lancheira e estendeu os braços para o menino. Espalmou uma das mãos sobre a compressa fria e, com a outra, segurou sua cabeça por trás, obrigando-o a desviar os olhos da janela.

– Não, querido – falou, espantada com a calma da própria voz.

– O que era aquilo? – perguntou ele.

Ela soltou sua cabeça e pegou a cordinha da persiana. Lá fora, o homem em chamas caiu ajoelhado. Abaixou a cabeça como se estivesse rezando virado para Meca. Estava envolto pelas chamas, um monte de trapos a expelir uma fumaça oleosa na fria tarde de abril.

A persiana baixou com uma batida metálica, escondendo a cena toda... tudo, exceto um tremeluzir febril de luz dourada, cintilando loucamente nas frestas da cortina.

L I V R O U M

PORTADORES

ABRIL

1 Ela só foi embora da escola depois de o último aluno voltar para casa, mas mesmo assim estava saindo cedo. Em geral tinha que ficar até as cinco, por causa das cerca de cinquenta crianças que continuavam lá depois do horário enquanto os pais trabalhavam. Nesse dia, todo mundo foi embora antes das três da tarde.

Depois de apagar a luz no posto médico, postou-se em frente à janela e olhou para o parquinho. Havia uma mancha preta perto do trepa-trepa, onde os bombeiros haviam dispersado com a mangueira os pedaços carbonizados que não puderam ser raspados. Teve uma premonição de que nunca mais voltaria à sua sala nem olharia por aquela janela, e estava certa. Nessa noite, as aulas foram suspensas em todo o estado, com garantias de que seriam retomadas quando a crise passasse. Só que nunca passou.

Harper imaginou que fosse encontrar a casa vazia, mas quando chegou Jakob já estava lá. Estava com a TV ligada num volume baixo, e falava com alguém ao telefone. Pelo seu tom de voz, calmo, firme, quase preguiçoso, ninguém jamais iria adivinhar o nível de agitação em que ele se encontrava. Era preciso vê-lo andando de um lado para outro para saber que estava ligado.

– Não, eu mesmo não vi. Johnny Deepenau foi lá num dos carros municipais retirar os restos da rua, e mandou fotos para a gente pelo celular. Era como se uma bomba tivesse explodido lá dentro. Parecia terrorismo, como se... peraí. A Harp acabou de chegar. – Seu marido abaixou o telefone, apertou-o contra o peito e falou: – Você veio pelo caminho de trás, né? Sei que não passou pelo centro. Eles bloquearam todas as ruas da North Church até a biblioteca. A cidade inteira está tomada de policiais e agentes da Guarda Nacional. Um ônibus explodiu, pegou fogo e bateu num poste de telefonia. Estava cheio de chineses infectados com aquela merda, aquela Escama do Dragão de merda. – Ele soltou uma expiração longa, irregular, e balançou a cabeça como se aquilo o chocasse:

o atrevimento de que algumas pessoas eram capazes, pegando fogo no meio de Portsmouth num dia tão bonito; então lhe deu as costas e voltou a aproximar o telefone do ouvido. – Ela está bem. Não sabia de nada. Chegou em casa e a gente vai ter uma boa e velha discussão se ela acha que eu vou deixar ela voltar para o trabalho tão cedo.

Harper se sentou na beirada do sofá e olhou para a televisão. O aparelho estava sintonizado no noticiário local. Imagens do jogo do Celtics na noite anterior passavam como se nada estivesse acontecendo. Isaiah Thomas ficou nas pontas dos pés, inclinou-se para trás e arremessou, acertando uma cesta quase do meio da quadra. Eles ainda não sabiam, mas no final da semana seguinte a temporada de basquete estaria terminada. Quando o verão chegasse, a maioria dos jogadores do time estaria morta, por incineração ou suicídio.

Jakob andava para lá e para cá com suas alpercatas.

– O quê? Não. Ninguém desceu – falou ao telefone. – E pode até ser que o que eu vou dizer seja duro, mas parte de mim acha isso bom. Assim ninguém vai transmitir. – Ele ficou em silêncio por um instante, ouvindo o que a pessoa dizia do outro lado da linha, e então, inesperadamente, riu e comentou: – Quem foi que pediu a bandeja de canapés flambados, né?

Seus passos o haviam feito atravessar o recinto até a estante, onde não restava nada a fazer a não ser dar meia-volta e retornar. Quando ele se virou, seu olhar parou em Harper, e dessa vez ele viu alguma coisa que o fez retesar as costas.

– Ei, princesa, tudo bem? – perguntou.

Ela só fez encará-lo. Não era capaz de pensar em como responder. Aquela era uma pergunta curiosamente difícil, que exigia certa quantidade de introspecção.

– Ô, Danny? Vou ter que desligar. Você agiu bem indo buscar seus filhos. – Ele fez uma pausa, em seguida acrescentou: – Tá, tudo bem, eu mando as fotos para você e a Claudia, mas não diga a ninguém que fui eu que repassei. Beijos para vocês dois.

Ele desligou, baixou o aparelho e olhou para Harper.

– O que houve? Por que você está em casa?

– Tinha um homem atrás da escola – disse ela, e nessa hora um bolo de alguma coisa, uma emoção que parecia uma massa física, entalou na sua garganta.

Ele se sentou ao seu lado e pôs uma das mãos nas suas costas.

– Tudo bem – falou. – Está tudo bem.

A pressão na traqueia de Harper afrouxou e ela encontrou a voz, e pôde falar do começo.

– Ele estava no parquinho, cambaleando feito um bêbado. Aí caiu no chão e pegou fogo. Queimou como se fosse de palha. Metade dos alunos da escola viu. Dá para ver o parquinho de quase todas as salas. Passei a tarde inteira cuidando de crianças em estado de choque.

– Você deveria ter me dito. Deveria ter me feito desligar o telefone.

Ela se virou para ele e recostou a cabeça no seu peito enquanto ele a abraçava.

– Teve uma hora em que eu estava com quarenta crianças no ginásio junto com alguns professores e o diretor, e algumas choravam, outras tremiam, outras vomitavam, e minha vontade foi fazer as três coisas ao mesmo tempo.

– Só que você não fez.

– Não. Fiquei distribuindo suco em caixinha. Isso que é tratamento médico de ponta.

– Você fez o que podia – disse ele. – Ajudou não sei quantas crianças a passarem pela pior coisa que elas terão visto na vida. Você sabe disso, não sabe? Elas vão lembrar para o resto da vida como você cuidou delas. E você fez isso, e agora passou e está aqui comigo.

Ela permaneceu um tempo calada e imóvel dentro do círculo dos braços dele, sentindo seu cheiro característico de colônia de sândalo e café.

– Quando foi isso? – Ele a soltou e a encarou com seus olhos cor de amêndoa.

– No primeiro tempo.

– São quase três da tarde. Você já almoçou?

– Não.

– Está tonta?

– Aham.

– Vamos comer alguma coisa. Não sei o que tem na geladeira. Posso pedir para entregarem alguma coisa, talvez.

Quem foi que pediu a travessa de canapés flambados, né?, pensou Harper, e a sala oscilou feito o convés de um navio. Ela se apoiou no encosto do sofá.

– Quem sabe só um pouco d’água – falou.

– Que tal um vinho?

– Melhor ainda.

Ele se levantou e foi até a pequena adega de seis garrafas que ficava na prateleira. Enquanto olhava para uma das garrafas, depois para outra – que vinho harmonizava melhor com uma epidemia fatal? –, falou:

– Eu pensei que esse treco só acontecesse nos países onde a poluição é tão densa que o ar é irrespirável e os rios são esgotos a céu aberto. China. Rússia. A ex-república comunista do Toletistão.

– Rachel Maddow disse que já houve quase cem casos em Detroit.

– Então, justamente. Pensei que fosse só em lugares imundos aonde ninguém quer ir, tipo Chernobyl e Detroit. – Uma rolha pipocou. – Não entendo como alguém contaminado seria capaz de embarcar num ônibus. Ou num avião.

– Talvez as pessoas estivessem com medo de serem postas em quarentena. Para muita gente, a ideia de ser afastado de quem se ama assusta mais do que a doença. Ninguém quer morrer sozinho.

– É, tem razão. Por que morrer sozinho quando você pode morrer acompanhado? Não existe declaração de amor maior do que transmitir uma porra de uma infecção fatal horrorosa para os seus entes mais queridos. – Ele apareceu com uma taça de um vinho dourado que parecia um cálice de luz solar destilada. – Se eu pegasse esse troço, preferiria morrer do que contagiar você. Do que pôr você em risco. Acho que na verdade seria mais fácil acabar com minha própria vida, sabendo que estaria fazendo isso para garantir a segurança dos outros. Não consigo imaginar nada mais irresponsável do que andar por aí com uma coisa dessas. – Ele lhe entregou a taça e, ao fazê-lo, acariciou um de seus dedos. Tinha um toque gentil, um toque *sensível*; essa era a melhor característica dele, seu sentimento intuitivo do momento perfeito para ajeitar uma mecha do cabelo dela atrás da orelha, ou para alisar a fina penugem em sua nuca. – Qual é a facilidade de contágio desse negócio? Ele se transmite feito pé de atleta, né? Desde que você lave as mãos e não ande descalço na academia, tudo bem? Ei. *Ei*. Você não chegou perto do cara morto, chegou?

– Não.

Harper nem se deu ao trabalho de enfiar o nariz na taça para sentir o buquê do vinho francês, como Jakob havia lhe ensinado quando ela tinha 23 anos, os dois tinham acabado de transar e ela estava mais embriagada dele do que algum dia ficaria de vinho. Bebeu todo o *sauvignon blanc* em duas goladas.

Ele se sentou ao seu lado, suspirou e fechou os olhos.

– Ótimo. Muito bem. Harper, você tem uma necessidade terrível de cuidar dos outros, e em circunstâncias normais tudo bem, mas existem determinadas situações em que uma garota precisa cuidar de...

Mas ela não estava escutando. Havia ficado paralisada, inclinada para a frente, em meio ao gesto de pousar a taça sobre a mesa de centro. Na TV, a programação havia mudado dos melhores momentos do hóquei para um velho de terno cinza, um apresentador de tímidos olhos azuis por trás de lentes bifocais. O gerador de caracteres na parte inferior da tela dizia **PLANTÃO URGENTE: OBELISCO ESPACIAL PEGA FOGO.**

– ... vamos para Seattle – disse o âncora. – Um alerta: as imagens a seguir são muito perturbadoras. Se houver crianças no recinto, elas não devem assistir.

Antes de ele acabar de falar, a emissora cortou para imagens de helicóptero do monumento que se elevava em direção a um céu azul-claro e frio. Fumaça preta preenchia o interior da estrutura e vazava pelas janelas, tão abundante que ocultava muitos dos outros helicópteros em volta do local.

– Ai, meu Deus – disse Jakob.

Um homem de camisa branca e calça preta pulou por uma das janelas abertas. Tinha os cabelos em chamas. Agitou os braços e caiu rodopiando para fora do quadro. Segundos depois, foi seguido por uma mulher de blusa escura. Ao saltar, ela grudou as mãos espalmadas nas coxas, como se quisesse impedir a saia de subir e deixar à mostra sua roupa de baixo.

Jakob segurou a mão de Harper. Ela entrelaçou os dedos nos dele e apertou.

– Que porra é essa que está acontecendo, Harper? Que *porra* é essa?

MAIO - JUNHO

2 Segundo a Fox, o Dragão fora liberado pelo Exército Islâmico, usando esporos inventados pelos russos na década de 1980. A MSNBC informou que fontes indicavam que a escama poderia ter sido criada por engenheiros de Haliburton e roubada por cristãos fanáticos obcecados pelo Apocalipse. A CNN noticiou as duas versões.

Durante os meses de maio e junho, todos os canais organizaram mesas-redondas entre uma e outra transmissão ao vivo de locais em chamas.

Então Glenn Beck morreu queimado no seu programa na internet, bem em frente ao quadro-negro; ardeu tão forte que seus óculos derreteram e grudaram no rosto, e depois disso a maior parte das notícias passou a ser menos sobre quem era o responsável, e mais sobre como não se contaminar.

JULHO

3 Um bombeiro estava causando problemas.

– Senhor – disse a enfermeira Lean. – Senhor, não é permitido furar a fila. O senhor será examinado quando chegar a sua vez.

O Bombeiro olhou por cima do ombro para a fila que se estendia pelo corredor até fazer a curva. Então tornou a olhar para a frente. Seu rosto es-